

Fernando Pessoa nasceu em Lisboa, em 1888, e é o mais universal dos poetas portugueses. Autor lírico e nacionalista, cultivou uma poesia voltada aos temas tradicionais de Portugal e ao seu lirismo saudosista, que expressa reflexões sobre seu “eu profundo”, suas inquietações, sua solidão e seu tédio. Figura central do modernismo português, criou diversos heterônimos, sendo os mais importantes deles Ricardo Reis, Álvaro de Campos e Alberto Caeiro. Faleceu em 1935, também em Lisboa.

O marinheiro é um texto dramático e que narra a história de três donzelas que velam uma moça vestida de branco. O espaço cênico é o quarto de um velho castelo, e a ação se passa durante uma noite, em que as personagens falam do passado e questionam a existência da própria realidade. Nesta edição há ainda duas das peças estáticas mais antigas, *Diálogo no jardim do palácio* e *A morte do príncipe*, datadas de cerca de 1913 e 1914, respectivamente, nas quais Fernando Pessoa explora o mistério da existência e o significado da vida.

TEXTO INTEGRAL



Principis



FERNANDO PESSOA
O MARINHEIRO E OUTROS TEXTOS DRAMÁTICOS

O MARINHEIRO
E OUTROS TEXTOS
DRAMÁTICOS



Principis

FERNANDO PESSOA

O marinheiro, escrito em 1913 e publicado na revista *Orpheu* em 1915, é considerado um texto dramático de Fernando Pessoa, em que a narrativa explora o sonho e as vidas imaginadas de três mulheres. De acordo com o autor, o teatro estático caracteriza-se por “apresentar inércias, isto é, (...) revelar as almas naquilo que elas contêm que não produz ação, nem se revela através da ação, mas fica dentro delas.”

**FERREZ
NAN
DO SOA**

O MARINHEIRO
E OUTROS TEXTOS
DRAMÁTICOS

**FERREZ
NAN
DO SOA**

O MARINHEIRO
E OUTROS TEXTOS
DRAMÁTICOS



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Texto Fernando Pessoa	Produção editorial Ciranda Cultural
Editora Michele de Souza Barbosa	Diagramação Linea Editora
Revisão Agnaldo Alves	Design de capa Ciranda Cultural

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

P475m Pessoa, Fernando

O marinheiro e outros textos dramáticos / Fernando Pessoa. - Jandira,
SP : Principis, 2021.
64 p. ; 15,50cm x 22,60cm. - (Clássicos da literatura mundial).

ISBN: 978-65-5552-627-1

1. Literatura portuguesa. 2. Sonho. 3. Imaginação. 4. Clássicos da
literatura. 5. Drama. 6. Mistério. I. Título.

2021-0124

CDD 869.04
CDU 821.134.3

Elaborado por Lucio Feitosa - CRB-8/8803

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira 869.04
2. Literatura brasileira 821.134.3

1ª edição em 2021

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

Apresentação	7
O marinheiro	9
A morte do príncipe.....	28
Diálogo no jardim do palácio	38
“Tenho em mim todos os sonhos do mundo”	45
Obras publicadas em vida	58
Obras póstumas.....	59
Cronologia.....	61



APRESENTAÇÃO

SOBRE O TEATRO ESTÁTICO E AS PRINCIPAIS OBRAS DO AUTOR

O teatro estático caracteriza-se por “apresentar inércias, isto é, [...] revelar as almas naquilo que elas contêm que não produz ação, nem se revela através da ação, mas fica dentro delas”, como escreveu Fernando Pessoa.

É o teatro estático, cujo enredo dramático não constitui ação, isto é, onde as figuras não só não agem, porque nem se deslocam nem dialogam sobre deslocarem-se, mas nem sequer têm sentidos capazes de produzir uma ação. O mais fundamental é a revelação das almas. Ele não se foca em contar uma história; concebe, porém, uma atmosfera para apresentar um estado ou uma situação pura. Os efeitos do espetáculo são, geralmente, realizados na peça estática por meio da linguagem, em vez da ação do sentido aristotélico.

A incursão de Pessoa no teatro estático começou em 1913, com *O marinheiro*. Este tipo de teatro surgiu por influência direta da corrente simbolista francesa do final do século XIX e, sobretudo, de Maurice Maeterlinck, um dos expoentes máximos deste movimento.

Fernando Pessoa era admirador incontestado de Maeterlinck – é sabido que ele tinha em sua biblioteca um exemplar da obra dramática do autor belga, comprada precisamente em 1913 e conservada até o final da sua vida –, e em diversos estudos mostra-se que é possível estabelecer um paralelismo entre as peças de Maeterlinck e *O marinheiro*, mostrando de fato “uma influência decisiva na criação teatral de Pessoa, assim como na própria noção de teatro estático”, como referem Freitas e Ferrari¹, no livro *Teatro estático, Fernando Pessoa*.

Apesar da clara influência do simbolismo francês em peças como *O marinheiro*, Pessoa não se limitou a copiar as características do movimento: adaptou-o de modo a criar sua própria noção de teatro, abordando temáticas essenciais em seu universo e de sua predileção.

Chamado por boa parcela dos críticos e escritores de antiteatro, não sobreviveu por muito tempo. As peças desta classe acabaram por ser considerados poemas dramáticos, como é o caso de *O marinheiro*, de Fernando Pessoa.

O marinheiro, datado em 1913 e publicado na revista *Orpheu* no ano de 1915, é considerado um teatro dramático de Fernando Pessoa, no qual a narrativa explora o sonho e vidas imaginadas de três mulheres. A peça se passa em um velório, onde o clima melancólico paira no ambiente e a noite custa a passar. A narrativa é estática, as personagens estão sentadas em cadeiras e conversam entre elas.

Diálogo no jardim do palácio e *A morte do príncipe*, datadas de cerca de 1913 e cerca de 1914, respectivamente, exploram o mistério da existência e o significado da vida.

¹ Filipa de Freitas e Patricio Ferrari, organizadores da coleção de peças de teatro estático de Fernando Pessoa. *Teatro estático, Fernando Pessoa*, Tinta-da-China. (N.R.)



O MARINHEIRO

Um quarto que é sem dúvida num castelo antigo. Do quarto vê-se que é circular. Ao centro ergue-se, sobre uma essa, um caixão com uma donzela, de branco. Quatro tochas aos cantos. À direita, quase em frente a quem imagina o quarto, há uma única janela, alta e estreita, dando para onde só se vê, entre dois montes longínquos, um pequeno espaço de mar.

Do lado da janela velam três donzelas. A primeira está sentada em frente à janela, de costas contra a tocha de cima da direita. As outras duas estão sentadas uma de cada lado da janela.

É noite e há como que um resto vago de luar.

PRIMEIRA VELADORA – Ainda não deu hora nenhuma.

SEGUNDA – Não se podia ouvir. Não há relógio aqui perto. Dentro em pouco deve ser dia.

TERCEIRA – Não: o horizonte é negro.

FERNANDO PESSOA

PRIMEIRA – Não desejais, minha irmã, que nos entretenhemos contando o que fomos? É belo e é sempre falso...

SEGUNDA – Não, não falemos disso. De resto, fomos nós alguma coisa?

PRIMEIRA – Talvez. Eu não sei. Mas, ainda assim, sempre é belo falar do passado... As horas têm caído e nós temos guardado silêncio. Por mim, tenho estado a olhar para a chama daquela vela. Às vezes treme, outras torna-se mais amarela, outras vezes empalidece. Eu não sei por que é que isso se dá. Mas sabemos nós, minhas irmãs, por que se dá qualquer coisa?...

(uma pausa)

A MESMA – Falar do passado... isso deve ser belo, porque é inútil e faz tanta pena...

SEGUNDA – Falemos, se quiserdes, de um passado que não tivéssemos tido.

TERCEIRA – Não. Talvez o tivéssemos tido...

PRIMEIRA – Não dizeis senão palavras. É tão triste falar! É um modo tão falso de nos esquecermos!... Se passeássemos?...

TERCEIRA – Onde?

PRIMEIRA – Aqui, de um lado para o outro. Às vezes isso vai buscar sonhos.

TERCEIRA – De quê?

PRIMEIRA – Não sei. Por que o havia eu de saber?

O MARINHEIRO E OUTROS TEXTOS DRAMÁTICOS

(uma pausa)

SEGUNDA – Todo este país é muito triste... Aquele onde eu vivi outrora era menos triste. Ao entardecer eu fiava, sentada à minha janela. A janela dava para o mar e às vezes havia uma ilha ao longe... Muitas vezes eu não fiava; olhava para o mar e esquecia-me de viver. Não sei se era feliz. Já não tornarei a ser aquilo que talvez eu nunca fosse...

PRIMEIRA – Fora de aqui, nunca vi o mar. Ali, daquela janela, que é a única de onde o mar se vê, vê-se tão pouco!... O mar de outras terras é belo?

SEGUNDA – Só o mar das outras terras é que é belo. Aquele que nós vemos dá-nos sempre saudades daquele que não veremos nunca...

(uma pausa)

PRIMEIRA – Não dizíamos nós que íamos contar o nosso passado?

SEGUNDA – Não, não dizíamos.

TERCEIRA – Por que não haverá relógio neste quarto?

SEGUNDA – Não sei... Mas assim, sem o relógio, tudo é mais afastado e misterioso. A noite pertence mais a si própria... Quem sabe se nós poderíamos falar assim se soubéssemos a hora que é?

PRIMEIRA – Minha irmã, em mim tudo é triste. Passo Dezembro na alma... Estou procurando não olhar para a janela... Sei que de lá

se veem, ao longe, montes... Eu fui feliz para além de montes, outrora... Eu era pequenina. Colhia flores todo o dia e antes de adormecer pedia que não mas tirassem... Não sei o que isto tem de irreparável que me dá vontade de chorar... Foi longe daqui que isto pôde ser... Quando virá o dia?...

TERCEIRA – Que importa? Ele vem sempre da mesma maneira... sempre, sempre, sempre...

(uma pausa)

SEGUNDA – Contemos contos umas às outras... Eu não sei contos nenhuns, mas isso não faz mal... Só viver é que faz mal... Não roçemos pela vida nem a orla das nossas vestes... Não, não vos levanteis. Isso seria um gesto, e cada gesto interrompe um sonho... Neste momento eu não tinha sonho nenhum, mas é-me suave pensar que o podia estar tendo... Mas o passado... por que não falamos nós dele?

PRIMEIRA – Decidimos não o fazer... Breve raiará o dia e arrepender-nos-emos... Com a luz os sonhos adormecem... O passado não é senão um sonho... De resto, nem sei o que não é sonho... Se olho para o presente com muita atenção, parece-me que ele já passou... O que é qualquer coisa? Como é que ela passa? Como é por dentro o modo como ela passa?... Ah, falemos, minhas irmãs, falemos alto, falemos todas juntas... O silêncio começa a tomar corpo, começa a ser coisa... Sinto-o envolver-me como uma névoa... Ah, falai, falai!...

SEGUNDA – Para quê?... Fito-vos a ambas e não vos vejo logo... Parece-me que entre nós se aumentaram abismos... Tenho que cansar a ideia de que vos posso ver para poder chegar a ver-vos... Este ar

quente é frio por dentro, naquela parte que toca na alma... Eu devia agora sentir mãos impossíveis passarem-me pelos cabelos... As mãos pelos cabelos... é o gesto com que falam das sereias... (*Cruza as mãos sobre os joelhos. Pausa.*) Ainda há pouco, quando eu não pensava em nada, estava pensando no meu passado.

PRIMEIRA – Eu também devia ter estado a pensar no meu...

TERCEIRA – Eu já não sabia em que pensava... No passado dos outros talvez..., no passado de gente maravilhosa que nunca existiu... Ao pé da casa de minha mãe corria um riacho... Por que é que correria, e por que é que não correria mais longe, ou mais perto?... Há alguma razão para qualquer coisa ser o que é? Há para isso qualquer razão verdadeira e real como as minhas mãos?

SEGUNDA – As mãos não são verdadeiras nem reais... São mistérios que habitam na nossa vida... Às vezes, quando fito as minhas mãos, tenho medo de Deus... Não há vento que mova as chamas das velas, e olhai, elas movem-se... Para onde se inclinam elas?... Que pena se alguém pudesse responder!... Sinto-me desejosa de ouvir músicas bárbaras que devem agora estar tocando em palácios de outros continentes... É sempre longe da minha alma... Talvez porque, quando criança, corri atrás das ondas à beira-mar. Levei a vida pela mão entre rochedos, maré baixa, quando o mar parece ter cruzado as mãos sobre o peito e ter adormecido como uma estátua de anjo para que nunca mais ninguém olhasse...

TERCEIRA – As vossas frases lembram-me a minha alma...

SEGUNDA – É talvez por não serem verdadeiras... Mal sei que as digo... Repito-as seguindo uma voz que não ouço mas que está segredando... Mas eu devo ter vivido realmente à beira-mar... Sempre que uma coisa ondeia, eu amo-a... Há ondas na minha alma... Quando

ando embalo-me... Agora eu gostaria de andar... Não o faço porque não vale nunca a pena fazer nada, sobretudo o que se quer fazer... Dos montes é que eu tenho medo... É impossível que eles sejam tão parados e grandes... Devem ter um segredo de pedra que se recusam a saber que não têm... Se desta janela, debruçando-me, eu pudesse deixar de ver montes, debruçar-se-ia um momento da minha alma alguém em quem eu me sentisse feliz...

PRIMEIRA – Por mim, amo os montes... Do lado de cá de todos os montes é que a vida é sempre feia... Do lado de lá, onde mora minha mãe, costumávamos sentarmo-nos à sombra dos tamarindos e falar de ir ver outras terras... Tudo ali era longo e feliz como o canto de duas aves, uma de cada lado do caminho... A floresta não tinha outras clareiras senão os nossos pensamentos... E os nossos sonhos eram de que as árvores projectassem no chão outra calma que não as suas sombras... Foi decerto assim que ali vivemos, eu e não sei se mais alguém... Dizei-me que isto foi verdade para que eu não tenha de chorar...

SEGUNDA – Eu vivi entre rochedos e espreitava o mar... A orla da minha saia era fresca e salgada batendo nas minhas pernas nuas... Eu era pequena e bárbara... Hoje tenho medo de ter sido... O presente parece-me que durmo... Falai-me das fadas. Nunca ouvi falar delas a ninguém... O mar era grande demais para fazer pensar nelas... Na vida aquece ser pequeno... Éreis feliz, minha irmã?

PRIMEIRA – Começo neste momento a tê-lo sido outrora... De resto, tudo aquilo se passou na sombra... As árvores viveram-no mais do que eu... Nunca chego quem eu mal esperava... Eu vós, irmã, por que não falais?

TERCEIRA – Tenho horror a de aqui a pouco vos ter já dito o que vos vou dizer. As minhas palavras presentes, mal eu as diga,